

Povo de Santo e Asê

JUNHO a DEZEMBRO

HORÓSCOPO DE

○
CONHEÇA O MUNDO
DAS YAMINS!



casa de 
OGUN 

**A MAIOR LOJA DE
CADOMBLÉ, UMBANDA E IFÁ
EM PORTUGAL!**



www.casadeogun.com

 Alameda Guerra Junqueiro nº34 Laranjeiro | 2810-072 Almada | Portugal

 (+351) 212 595 408 | (+351) 932 131 177



EDITORIAL

Em tempos tão conturbados por tudo o que divide o homem entre si e o ser humano divorciado de tudo o que de bom o realiza e rodeia, convém que a espiritualidade no seu geral e os cultos afro brasileiros de modo particular, (candomblé, umbanda, ifá, etc) sejam um exemplo; um bom exemplo de caráter individual e coletivo.

Quando o orgulho, o ego e a vaidade derem lugar a tudo o que é perene, simples e verdadeiro, poderemos dizer que é possível realizar tudo o que defendemos; que é possível colher tudo o que de bom plantamos. Depende de mim, de ti, do nosso irmão, da nossa comunidade no seu particular.

Quando dermos ao Orisá o lugar que é dele, em substituição das nossas pequenas vaidades.

Nós vamos continuar, assim Olorun (Deus), nos ajude.

O Director
Dr. José Pinto



FICHA TÉCNICA: Povo de Santo e Asè

Propriedade de: Lendas & Cultos

Morada: Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

NIF: 508 573 025

Nº Registo na E.R.C: 125412

Depósito Legal: 280080108

Director: J. Pinto, (Ogun)

Director Adjunto: P. Fialho, (Yemanjá)

Sede de Redacção:

Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

Periodicidade: Semestral

Coordenador Gráfico: Rui Toscano, (Logun Odé)

Redacção: Miguel Dinis, (Ogun)

Comercial: Lúcia Marques, (Osun) +351 962 211 762

Representante legal na Bahía /Brasil:

Aristides de Oliveira Mascarenhas (Osalá Osaguian)

TM: +351 962 754 040

E mail: povosantoease@gmail.com



Notas:

1. Toda a imagem e conteúdos dos anúncios publicados nesta revista, são da exclusiva responsabilidade dos respectivos anunciantes;
2. A redacção desta revista está elaborada segundo o novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO

Documentário Informativo	4
Yamins	5
A Magia do Cristais	11
Festividades Transatlânticas	14
As Penas e o Culto aos Orixás	17
Saída de Yao	20
Espiritualidade Ecuménica	22
Página dedicada à Umbanda	25
Previsões Astrológicas	28
Saída de Yao	30
Viva Alegre Coma Saudável	32
Awó	33
A Coruja e o Paganismo	36
Oxum e as Iyami	40



O PEMBA

A pomba é um instrumento sagrado de grande importância ritual, geralmente apresentada sob a forma de um giz consagrado. Utilizada pelos médiums e dirigentes, serve para traçar pontos riscados — símbolos espirituais que invocam, identificam e organizam a actuação das entidades. Mais do que um simples objecto, a pomba é veículo de axé, permitindo a ligação entre o plano material e o espiritual. Cada risco executado com

pomba carrega intenção, fundamento e direcção energética, funcionando como linguagem simbólica do culto. A sua utilização exige conhecimento e respeito, pois cada traço possui significado específico dentro da tradição. Assim, a pomba afirma-se como instrumento de trabalho espiritual, essencial na abertura de caminhos, protecção do espaço e condução dos rituais, traduzindo, em gesto e forma, a presença viva do sagrado.



Carla Santos
Mestre de Reiki

Marcação de Tratamentos
919 407 003 • carla.santos2@sapo.pt
www.facebook.com/Reiki.SPA.Alma/



YAMINS

O

Quando se pronuncia o nome de Yamin Osorongá que estiver sentado deve-se levantar e quem estiver de pé fará uma referência, pois esta é uma terrível entidade, a quem se deve um respeito completo.

Ela é a dona da barriga e não há quem resista aos seus Ebós fatais.

Com Yamin todo o cuidado é pouco, ela exige o máximo respeito. Yamin Osorongá é a bruxa, o pássaro da noite.

Yamin possui uma cabaça e um pássaro. A coruja é um dos seus pássaros. É este pássaro que leva os feitiços até aos seus destinos. Ele é um pássaro bonito e elegante, pousa suavemente nos tectos das casas, e é silencioso.

Para acalmar esta entidade quando irada, só

“

As Senhoras dos Pássaros da Noite – Quando se pronuncia o nome de Iyá-Mi Osorongá, quem estiver sentado deve-se levantar, quem estiver de pé fará uma reverência, pois se trata de temível Orixá, a quem se deve apreço e acatamento.

”

- Jorge Amado -



Orunmilá o consegue.

lyá-Mi Osorongá representa uma das expressões mais profundas, antigas e temidas do poder feminino dentro da tradição iorubá e das religiões de matriz africana. A sua força não se limita à maternidade no sentido biológico; ela ultrapassa a ideia de gerar filhos e alcança uma dimensão muito mais ampla: a capacidade sagrada de dar continuidade à vida, de sustentar a existência e de participar no próprio mistério da criação.

Quando os iorubás se referem às lyá-Mi como “nossas mães queridas”, não utilizam apenas uma expressão de afecto. Essa forma de tratamento carrega também prudência, respeito e intenção ritual. Ao chamá-las de mães, procura-se reconhecer a sua grandeza, mas também suavizar a potência imensa e, por vezes, perigosa que lhes é atribuída. Trata-se de uma maneira de honrar, agradar e apaziguar forças que não devem ser provocadas nem esquecidas.

As lyá-Mi são detentoras de um axé extraordinário, comparável ao dos próprios orixás. O seu culto, tradicionalmente envolto em reserva, segredo e temor, foi preservado e transmitido sobretudo através de sociedades femininas, nas quais o conhecimento ritual era guardado com extremo cuidado. Esta ligação ao segredo não

significa ausência de importância; pelo contrário, revela a profundidade do seu fundamento e a necessidade de tratar este poder com contenção, reverência e responsabilidade.

Na Nigéria, uma das maiores expressões públicas deste culto encontra-se no festival Gèlèdè, realizado entre Março e Maio, antes da chegada das chuvas. Este período não é casual: antecede o tempo em que a terra se prepara para receber a água, germinar e produzir. Assim, o festival estabelece uma relação directa entre as lyá-Mi, a fertilidade, a fecundidade da terra e a continuidade da comunidade. Ao homenageá-las, procura-se garantir equilíbrio, abundância, protecção e harmonia entre os vivos, os ancestrais e as forças invisíveis.

As lyá-Mi ficaram conhecidas como as Senhoras dos Pássaros. Esta associação não é meramente simbólica; o pássaro representa a liberdade de transitar entre mundos, a capacidade de ver de longe, de agir em silêncio e de atravessar a noite. Por isso, também são chamadas Eleyé, isto é, Senhoras do Pássaro. A coruja, ave nocturna, vigilante e misteriosa, surge como um dos seus principais símbolos, evocando sabedoria, segredo, presságio e poder oculto.

A sua ligação à noite reforça o carácter enigmático destas entidades. A escuridão, neste contex-

Yamins

to, não deve ser entendida apenas como ausência de luz, mas como espaço do desconhecido, do invisível e do que escapa ao controlo humano. É na noite que o mistério se torna mais intenso, que os limites entre o mundo material e o espiritual parecem mais frágeis. Por essa razão, a fama das lyá-Mi enquanto grandes feiticeiras está profundamente ligada ao silêncio nocturno, aos pássaros e aos poderes que actuam longe do olhar comum.

Um dos aspectos centrais das lyá-Mi é a sua relação com o poder genital feminino. Na visão tradicional, este poder aproxima a mulher da natureza na sua forma mais primordial, pois é através do corpo feminino que a vida pode ser concebida, gestada e trazida ao mundo. O ventre torna-se, assim, um espaço sagrado, mas também temido, pois nele reside um mistério que nenhum poder masculino consegue dominar por completo.

A capacidade de gerar vida sempre despertou fascínio, respeito e medo. Em muitas culturas, a mulher foi vista como portadora de uma força

ambígua: protectora e nutridora, mas também perigosa quando desrespeitada ou violentada. Nas lyá-Mi, essa ambivalência atinge a sua expressão máxima. Elas são mães, mas não mães frágeis ou submissas; são mães soberanas, ancestrais, donas de um poder que pode acolher, alimentar e proteger, mas também corrigir, punir e destruir.

Por isso se diz que toda a mulher carrega em si uma parcela da essência das lyá-Mi. Esta afirmação não se refere apenas à maternidade física, mas ao princípio feminino enquanto força de criação, transformação, intuição, preservação e continuidade. Mesmo a mulher que não gera filhos participa simbolicamente deste poder, porque a energia das grandes mães não se restringe ao acto biológico de parir; ela manifesta-se também na capacidade de cuidar, orientar, sustentar, guardar conhecimento e transformar realidades.

As mães são entendidas como a origem da humanidade, não apenas porque dão à luz, mas porque guardam a primeira relação do ser hu-





mano com o mundo. Antes da palavra, antes da consciência plena, antes da independência, existe o vínculo com o ventre, com o sangue, com o alimento e com o corpo materno. Daí a dimensão sagrada da mãe nas tradições africanas: ela não é apenas uma figura familiar, mas uma potência espiritual ligada ao nascimento, ao destino e à continuidade da linhagem.

Neste sentido, *lyá-Mi* é a consagração da maternidade enquanto força cósmica. O seu culto encontra-se cercado de tabus precisamente porque toca nos fundamentos mais profundos da existência: nascimento, sangue, ventre, ancestralidade, fertilidade, morte e renovação. Tudo o que é redondo, fechado ou côncavo pode remeter para o ventre e, conseqüentemente, para o mistério das *lyá-Mi*. O círculo sugere totalidade, gestação, protecção e retorno à origem.

Entre os orixás, o poder das grandes mães manifesta-se de forma particularmente expressiva em Oxum, Iemanjá e Nanã Buruku. Oxum revela a fertilidade, a doçura, a riqueza e o poder das águas doces. Iemanjá expressa a maternidade ampla, oceânica, protectora e abundante. Nanã Buruku representa a antiguidade, a lama primordial, a origem e o fim dos ciclos da vida.

Contudo, *lyá-Mi* não se limita a estas divindades; o seu poder atravessa todas as mulheres e manifesta-se como uma força ancestral que antecede e sustenta muitas formas de culto.

As diversas designações atribuídas às *lyá-Mi* revelam a complexidade e o temor que as envolve. Os seus nomes carregam força, e por isso não devem ser pronunciados de forma casual ou desrespeitosa. Nomear, nas tradições espirituais africanas, não é um acto vazio: dizer um nome é tocar uma presença, chamar uma energia, aproximar-se de uma força. Assim, quando se pronuncia um dos seus nomes, impõem-se gestos de respeito, reverência e contenção, para evitar ofensa e para afastar conseqüências espirituais indesejadas.

Entre os iorubás e no Candomblé, as *Àjé* são as feiticeiras mais temidas. A palavra não deve ser entendida apenas no sentido vulgar de bruxaria, mas como referência a um poder feminino ancestral, profundo e perigoso quando mal compreendido. Para as mencionar com prudência, utiliza-se frequentemente o termo *Eleyé*, Senhora do Pássaro, uma forma mais velada e respeitosa de reconhecer a sua presença sem a invocar directamente.

O nome Osorongá designa um dos aspectos mais temíveis das Iyá-Mi e tornou-se, nos terreiros, uma das referências mais marcantes a este poder. A imagem de uma entidade que se transforma em ave nocturna e atravessa a escuridão com um grito assustador traduz, simbolicamente, a força que vigia, denuncia, pune e rompe o silêncio. O seu grito não é apenas som; é sinal de presença, advertência e manifestação de um poder que não admite desprezo.

As Iyá-Mi são senhoras da vida, mas toda a vida caminha inevitavelmente para a morte. É nesta dualidade que reside a sua grandeza e o seu perigo. Elas podem fecundar, proteger e sustentar, mas também podem retirar, cortar e encerrar ciclos. Quando devidamente cultuadas, revelam a sua face benéfica: tornam-se ventre fecundo, força de protecção, garantia de prosperidade e continuidade. Quando esquecidas ou desrespeitadas, porém, podem manifestar-se como senhoras da doença, da esterilidade, da desordem e da morte.

Esta dimensão não deve ser entendida apenas como ameaça, mas como expressão de equilíbrio. Nas tradições africanas, o poder sagrado não é domesticado nem reduzido ao bem ou ao mal. Ele é força. Pode curar ou ferir, abrir ca-

minhos ou fechá-los, proteger ou castigar, conforme a relação que se estabelece com ele. As Iyá-Mi exigem reconhecimento porque representam uma energia fundamental da existência, impossível de ignorar sem consequências.

A face favorável das Iyá-Mi encontra expressão em divindades de grande fundamento, como Apaoká, senhora da jaqueira e considerada a verdadeira mãe de Oxóssi. A árvore, neste contexto, reforça novamente a ideia de fertilidade, abrigo, alimento, raiz e continuidade. Tal como o ventre, a árvore guarda, alimenta, protege e liga a terra ao céu. Apaoká revela, assim, uma dimensão maternal e ancestral profundamente associada à natureza e à linhagem espiritual.

Nos rituais de Ipadé, as Iyá-Mi são evocadas juntamente com Exú e os ancestrais. Este momento ritual possui grande importância, pois reconhece as forças que sustentam e regulam o culto. Exú abre os caminhos e estabelece a comunicação; os ancestrais asseguram a continuidade da memória e da linhagem; as Iyá-Mi confirmam a presença incontornável do poder feminino na estrutura espiritual do Candomblé. O Ipadé recorda que nenhuma prática religiosa se mantém sem reconhecer as suas origens, os seus fundamentos e as forças que a antecedem. Ao



Yamins

evocar as grandes mães, o ritual afirma que o feminino não ocupa um lugar secundário, mas central. São elas que guardam segredos, sustentam mistérios e representam a continuidade entre as mulheres vivas, as mães ancestrais e as potências espirituais que governam os ciclos da vida.

Por isso, falar de Iyá-Mi Osorongá é falar de maternidade, mas também de poder, segredo, ancestralidade, temor, fertilidade e morte. É reconhecer que o feminino, nas suas dimensões mais antigas, não pode ser reduzido à delicadeza ou à doçura. Ele é também

força indomável, conhecimento oculto, capacidade de gerar e de transformar, de proteger e de punir.

As Iyá-Mi são, em última análise, a memória sagrada das mulheres ancestrais. Representam aquelas que vieram antes, que deram origem às linhagens, que guardaram saberes, que sustentaram comunidades e que, depois de deixarem o mundo físico, passaram a integrar uma força colectiva maior. Reverenciá-las é reconhecer a origem da vida, respeitar o mistério da criação e aceitar que o poder feminino, quando verdadeiramente compreendido, é uma das bases mais profundas do universo religioso iorubá e do Candomblé.



Babalorisá

Pai de Santo de Candomblé Ketú


Jomar d'Ògun

Primeiro Coordenador Internacional da FENACAB
Balogun do Candomblé Ketu
Agabà do Ilé Asè Opo Alaketu Omin Ogún,
um dos mais antigos e conceituados
Terreiros de Candomblé em Portugal.


Consultas de Buzios


Atendimento com toda a seriedade,
honestidade e sigilo.


Saiba qual o seu Orisá e conheça melhor
o porque de tantas coisas na sua vida!

 (+351) 962 754 040

 (+351) 932 131 176

 www.facebook.com/pai.jomar

 babalorixajomar.com

 pai.jomar@hotmail.com



A MAGIA DOS CRISTAIS

Ao longo da história da humanidade, os cristais têm ocupado um lugar de fascínio, contemplação e significado profundo. Nascidos no interior da Terra, ao longo de processos geológicos que podem durar milhares ou mesmo milhões de anos, estas estruturas minerais apresentam uma organização interna precisa, quase perfeita, que desde cedo despertou a atenção não apenas de estudiosos, mas também de místicos, sacerdotes e praticantes de diversas tradições espirituais. A sua formação lenta, silenciosa e ordenada levou muitas culturas a vê-los como expressões de equilíbrio, permanência e ligação entre o mundo material e dimensões mais subtis da existência.

A chamada “magia dos cristais” deve ser compreendida neste contexto simbólico e espiritual. Não se trata de magia no sentido ilusório ou fantasioso, mas de uma tradição que atribui aos cristais a capacidade de interagir com a energia — entendida, nestas correntes, como uma força vital presente em todos os seres e espa-

ços. Em diferentes épocas e culturas, os cristais foram utilizados como instrumentos de protecção, meditação, cura espiritual e amplificação de intenções. Desde o Antigo Egipto, onde eram incorporados em amuletos e objectos funerários, até às práticas contemporâneas de desenvolvimento pessoal, a sua presença mantém-se constante, adaptando-se a diferentes contextos sem perder o seu simbolismo essencial.

Do ponto de vista esotérico, os cristais são considerados estruturas capazes de captar, armazenar e transmitir energia. A sua geometria interna, marcada por padrões repetitivos e simétricos, é interpretada como uma manifestação de ordem natural, que pode ser sintonizada com o campo energético humano. Esta ideia sustenta práticas como a meditação com cristais, a disposição de pedras em espaços específicos ou a sua utilização junto ao corpo, com o objectivo de promover equilíbrio emocional, clareza mental ou protecção espiritual.

Cada cristal possui características próprias, que,



dentro das tradições esotéricas, são associadas a determinadas qualidades. O Quartzo Transparente é frequentemente considerado uma das pedras mais versáteis e fundamentais. Associado à clareza, à amplificação e à neutralidade energética, é utilizado para potenciar intenções, equilibrar ambientes e servir de base para outras práticas. A sua transparência simboliza pureza e abertura, funcionando como um canal que facilita a ligação entre diferentes níveis de consciência.

A Ametista, com a sua tonalidade violeta, é tradicionalmente associada à tranquilidade, à protecção espiritual e à elevação da consciência. Utilizada em práticas de meditação e introspecção, é considerada uma pedra que ajuda a acalmar a mente, a reduzir tensões e a promover estados de maior serenidade interior. A sua cor, historicamente ligada à espiritualidade, reforça a sua associação a dimensões mais subtis do pensamento e da percepção.

O Quartzo Rosa ocupa um lugar especial no domínio das emoções. Associado ao amor, à compaixão e à harmonia, é frequentemente utilizado em práticas que visam promover o equilíbrio afectivo e a abertura emocional. A sua tonalidade suave evoca acolhimento e sensibili-

dade, sendo muitas vezes colocado em espaços destinados ao descanso ou à reflexão.

Entre os cristais ligados à vitalidade e à prosperidade, destaca-se o Citrino. A sua cor dourada remete para a luz solar, sendo simbolicamente associada à energia, à confiança e à manifestação de objectivos. Em práticas esotéricas, é utilizado como estímulo à criatividade, à iniciativa e à concretização de projectos.

A Obsidiana, de origem vulcânica, apresenta uma energia distinta e mais intensa. Associada à introspecção, à protecção e ao confronto com aspectos ocultos da psique, é considerada uma pedra de revelação. A sua superfície escura e reflectora simboliza a capacidade de olhar para o interior, promovendo processos de autoconhecimento e transformação.

Já a Turmalina Negra é amplamente reconhecida como uma pedra de protecção. No contexto esotérico, acredita-se que possui a capacidade de absorver ou neutralizar influências negativas, funcionando como um escudo energético. É frequentemente utilizada em ambientes onde se pretende criar uma sensação de segurança e estabilidade.

Outros cristais também desempenham papéis importantes neste universo simbólico. A Sele-

A Magia dos Cristais

nite é associada à purificação e à elevação espiritual, sendo utilizada para limpar energeticamente espaços e outros cristais. A Lápis-Lazúli, com a sua cor azul profunda, está ligada à sabedoria, à comunicação e à verdade interior, tendo sido valorizada desde a Antiguidade por diversas civilizações.

A importância dos cristais, no entanto, não reside apenas nas propriedades que lhes são atribuídas, mas na relação que se estabelece com eles. A utilização de cristais implica intenção, atenção e presença. Não é o objecto, por si só, que produz efeito, mas a interacção entre o praticante, o cristal e o contexto em que é utilizado. Segurar um cristal, meditar com ele ou integrá-lo num espaço são gestos que convidam à pausa, à reflexão e à conexão com o momento presente.

Para além da sua dimensão espiritual, os cristais possuem uma forte componente estética e contemplativa. A sua forma, brilho e cor evocam a beleza natural da Terra, funcionando como elementos de inspiração e equilíbrio. Em ambientes de meditação, altares ou espaços de recolhimento, a sua presença contribui para a criação de uma atmosfera de serenidade e harmonia. Num mundo contemporâneo marcado pela velocidade, pela dispersão e pela constante esti-

mulação, os cristais surgem como símbolos de permanência e de silêncio. Recordam-nos que existem processos que não podem ser apressados, que a transformação pode ser lenta e que a beleza pode emergir do tempo e da pressão. A sua presença convida a um ritmo diferente, mais atento, mais consciente e mais alinhado com os ciclos naturais.

A chamada "magia dos cristais" pode, assim, ser entendida como uma prática de reconexão. Reconexão com a natureza, com o corpo, com as emoções e com dimensões mais profundas da consciência. Não se trata de substituir outras formas de conhecimento ou de intervenção, mas de integrar uma linguagem simbólica que tem acompanhado a humanidade ao longo dos séculos.

Em última análise, os cristais são mais do que objectos naturais. São pontos de encontro entre matéria e significado, entre forma e intenção. A sua magia não reside apenas nas propriedades que lhes são atribuídas, mas na capacidade de despertar no ser humano uma atenção mais profunda ao mundo e a si próprio. Num tempo em que tudo parece imediato e descartável, os cristais permanecem como testemunhos silenciosos de uma outra forma de estar — mais lenta, mais consciente e, talvez, mais essencial.





FESTIVIDADES TRANSATLÂNTICAS

Nos meses de setembro e agosto, Portugal acolhe três eventos que promovem a cultura e a religiosidade de matriz africana.

Cada evento apresenta-se com uma dinâmica própria, com origens em Salvador da Bahia, e transcende as barreiras atlânticas para demonstrar valores universais de amor, respeito e solidariedade entre os membros do povo de Santo, com muita alegria e fé.

Para participar, basta em sua agenda e acompanhar as redes sociais de cada manifestação, são elas:



1ª FESTA DE SANTA BÁRBARA EM LISBOA VENTAM QUE VENTAM LÁ, VENTAM CÁ.

De 04 a 06 de setembro, evento idealizado e produzido pelo Instituto Cultural Luso-Brasileiro Maria Andreza Sá. Na freguesia de Arroios, em torno da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, cujo pároco é o padre Paulo Araújo.

A programação conta com uma roda de conversa sobre as Festividades de Santa Bárbara em Portugal e no Brasil, Mostra de Moda Barrafunda com o tema Tramas de Memória e Ancestralidade, assinada pelo Kayala Bordados.

O ápice será a missa em homenagem a San-

ta Bárbara e seu cortejo para Oyá, com grupos musicais como Baque Mulher, Lisbloco e Abadã Capoeira, saindo e retornando à Igreja Nossa Senhora dos Anjos, ao som do seu majestoso toque, do quebra-pratos de Oyá e concluindo com a distribuição de acarajés.

Os padrinhos deste evento são nada menos que a cantora Alcione junto com o publicitário Carlos Fernando Marão de Òsògiyán.

Além dos Embaixadores Milú Ferreira e Baba Thales de Ayará.



LAVAGEM DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

De 16 a 20 de setembro, evento realizado pela Ayô Associação de Arte & Cultura Brasileira com o apoio da Lisboa Cultura e o Museu de Lisboa – Santo António.

Em sua 4ª Edição, a Lavagem de Santo António de Lisboa, foi incluído no calendário oficial de Festividades de rua de Lisboa, pela Autarquia.

Na sua nova programação, o público terá a oportunidade de assistir gratuitamente Mostra de Cinema da Cultura Afro-Brasileira entre os dias 17 a 19 de setembro no Auditório de Museu Aljube.

Outra novidade gratuita, é o showcooking apresentado por Carol Brito (Acarajé da Carol) e o espetáculo de Samba de roda da Nega Jaci com capoeira e axé no Largo de Santo António.

E o grande momento deste festival é o cortejo, com o desfile de vários grupos associativos com diversas expressões culturais, com a Manifestação pela Paz, finalizando com a tradicional lavagem nas escadarias da Igreja de Santo António., num momento único de Fé e Alegria.



OLOJÁ – PORTUGAL

Olojá – Senhor do Mercado, é uma festividade dedicada à Exú, realizado na tradicional Feira de São Joaquim em Salvador – Bahia. Esta festividade surgiu da necessidade de desmitificar o Culto do Orixá Esú, do sincretismo judaico cristão do diabo, além de valorizar esta força do Universo, presente em cada um nós.

Iniciativa do Babalorisá Richelmy de Esú e este evento está em sua 5ª Edição em Salvador e começa a ganhar novos rumos, sendo realizado no Rio de Janeiro, em São Paulo.

A programação inicia-se com a visita de Olojá, o Senhor do Mercado, durante o mês de setembro, em diversos terreiros por todo Portugal e para convidar a todos a prestigiarem a sua Festa que ocorrerá nos dias 03 e 04 de outubro de 2026, no Porto.

Nestes dias teremos, um encontro cultural, o cortejo público Olojá e um xiré de rua, com almoço coletivo e apresentação musical no terreiro anfitrião, promovendo o intercâmbio cultural e o fortalecimento das tradições afro-diaspóricas.

Para saber mais, convidamos a todos a acompanharem a programação através das nossas redes sociais:

1ª Festa de Santa Bárbara em Lisboa – Ventam que ventam lá, ventam cá

@festa_sta_barbara_lx | Instagram

@sta_barbara_lisboa | Facebook

Festival Brasileiro Lavagem de Santo António

@lavagemdestoantonio

Olojá Portugal

@candombleportugal





AS PENAS E O CULTO AOS ORIXÁS



No contexto do Candomblé e das tradições de matriz iorubá, as penas ocupam um lugar de grande profundidade ritual e simbólica, estando directamente ligadas ao axé, à hierarquia espiritual e à própria estrutura do culto. Não se tratam de elementos decorativos nem de adorno estético; a sua presença está sempre associada a funções específicas, com fundamento litúrgico e significado preciso dentro da tradição.

A importância das penas começa na própria compreensão da ave enquanto portadora de um poder particular. Na visão iorubá, os pássaros não são apenas animais do mundo natural, mas sim entidades que simbolizam a capacidade de transitar entre diferentes planos de existência. Por dominarem o ar, aproximam-se do espaço do invisível e do espiritual, sendo associados a forças de vigilância, comunicação e actuação fora do alcance imediato dos seres humanos. As pe-

nas, enquanto parte integrante dessas aves, conservam essa qualidade e tornam-se veículos de axé, aptos a ser utilizados em contextos rituais específicos.

Dentro do culto, existem penas que possuem designações próprias e funções bem definidas, não sendo intercambiáveis nem utilizadas de forma aleatória. Entre essas, destacam-se a ekodidé, a lèkè-lèkè e a alókò, cada uma com um valor simbólico e ritual distinto, profundamente enraizado na tradição.

A ekodidé refere-se à pena do papagaio africano (frequentemente associada ao papagaio-cinzentos), sendo considerada uma das mais importantes dentro do universo litúrgico iorubá. Esta pena está fortemente ligada ao princípio do poder feminino ancestral e à autoridade espiritual. A sua utilização não é comum nem acessível a todos; está associada a contextos de elevado fun-

As Penas e o Culto aos Orixás

damento, nomeadamente em rituais ligados às grandes mães ancestrais e a determinadas consagrações. A ekodidé não serve para ornamentar, mas sim para marcar presença de poder, ligação à ancestralidade e reconhecimento de forças que exigem respeito absoluto. Em muitos contextos, a sua simples presença já constitui um acto ritual, dada a carga de axé que transporta.

A lèkè-lèkè, por sua vez, está associada à galinha-d'angola, ave que ocupa um lugar central em diversos rituais do Candomblé. As penas desta ave estão ligadas à ancestralidade, à protecção e à organização do espaço ritual. A galinha-d'angola é frequentemente utilizada em obrigações importantes, e as suas penas acompanham esse valor simbólico. A lèkè-lèkè está associada à ideia de colectividade, continuidade e ligação aos antepassados, sendo utilizada em contextos onde se pretende reforçar a presença da linhagem espiritual e garantir equilíbrio entre os vivos e os ancestrais. Tal como acontece com outras penas, o seu uso é regulado por conhecimento ritual e não pode ser feito de forma arbitrária.

Já a alókò refere-se, de forma geral, a penas de determinadas aves que possuem valor ritual específico, podendo variar conforme a tradição da casa e a nação de Candomblé em causa. O termo está associado a penas que carregam axé parti-

cular e que são utilizadas em momentos específicos do culto, nomeadamente em assentamentos, objectos sagrados ou rituais de invocação. A sua função está sempre ligada à activação, condução ou fixação de energia espiritual, nunca sendo empregues com finalidade estética. A escolha da alókò depende de critérios rigorosos, incluindo a natureza da ave, a cor da pena e a correspondência com o orixá ou força espiritual em questão. Importa sublinhar que, no Candomblé, nada é utilizado de forma neutra ou decorativa. Cada elemento possui função, fundamento e enquadramento dentro da tradição. As penas, neste sentido, são instrumentos de trabalho espiritual, portadoras de axé e extensões de forças naturais e ancestrais. A sua manipulação exige iniciação, conhecimento e autorização, sendo regulada por princípios que garantem o equilíbrio do ritual e a integridade das energias envolvidas.

A ligação das penas ao poder feminino ancestral é particularmente relevante. Na tradição iorubá, as chamadas "Senhoras dos Pássaros" — frequentemente associadas às *lyá-Mi* — representam um dos níveis mais profundos e complexos de poder espiritual. As penas, enquanto extensão simbólica das aves, tornam-se um dos elementos que evocam essa dimensão, remetendo para a capacidade de actuação invisível, para o

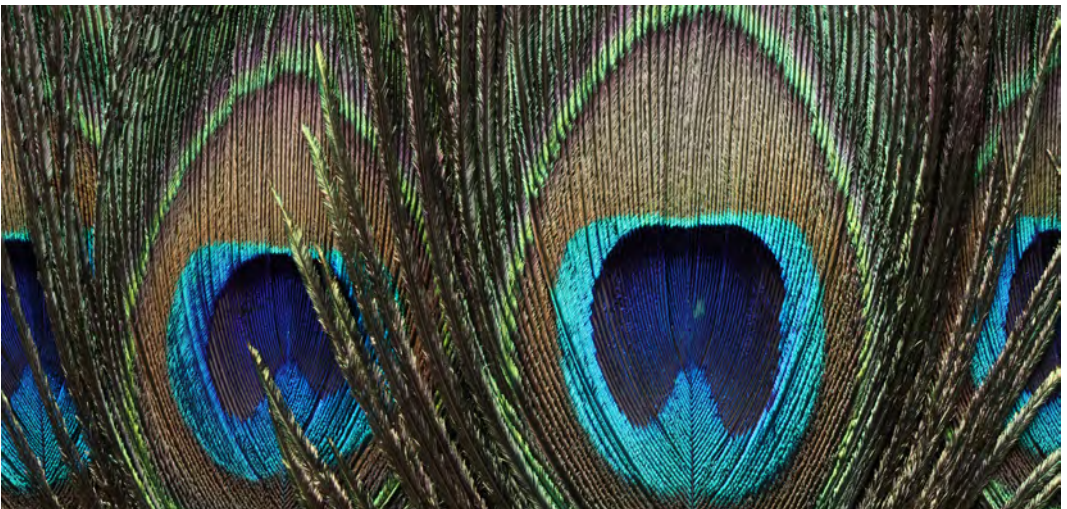




controlo de forças subtis e para a vigilância espiritual. Este aspecto reforça a necessidade de respeito absoluto na sua utilização, pois trata-se de um campo onde o desconhecimento pode ter consequências significativas.

Para além disso, a utilização de penas está também ligada à construção e manutenção de assentamentos, objectos sagrados onde o axé é fixado e cultivado. Nestes contextos, as penas podem funcionar como elementos de ligação entre diferentes forças, ajudando a estabilizar e direccionar a energia. A sua presença não é visível por acaso, mas sim resultado de um processo ritual cuidadosamente orientado.

Em suma, as penas no culto aos orixás são elementos de elevado valor espiritual, cuja função ultrapassa qualquer dimensão estética. A ekodidé, a lèkè-lèkè e a alókò exemplificam a complexidade deste uso, revelando como cada tipo de pena possui significado próprio, enquadramento específico e papel definido dentro da liturgia. Através delas, manifesta-se a ligação entre o mundo natural e o mundo espiritual, entre os vivos e os ancestrais, entre o visível e o invisível. O seu uso correcto exige conhecimento profundo, respeito pela tradição e consciência de que cada elemento transporta em si uma força que deve ser tratada com responsabilidade.



SAÍDA DE YAO

No passado dia 31 de Janeiro de 2026 , foi com grande alegria que um omo orisá do Ilé Asé Opô Alaketu Omin Ògún concluiu mais um passo da sua caminhada espiritual , realizando a sua iniciação no Candomblé. Como Agabá do Ilé e Babalorisá do Yaô, bem como em nome de toda a nossa família de Asé , queremos desejar a Alberto d'Ossayin, que o seu Grande Baba a continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora. Que Baba Ossayin seja sempre o seu caminho, tra-

zendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade. Como Babalorisá do Yaô agradeço também a confiança em mim depositada, assim como gratidão ao Otun Orisá do Terreiro Babalorisá Paulo d'Yemonjá. Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo. Olorun Modupé.

Babalorisá Jomar d'Ògún



Saída de Yaó





OS ECUMÉNICOS E O ECUMENISMO

O ecumenismo é, em essência, uma atitude e um caminho: a disposição consciente para o encontro, o diálogo e a cooperação entre diferentes tradições religiosas. A palavra tem origem no grego *oikouménē*, que significa “a terra habitada”, evocando uma ideia de universalidade que ultrapassa fronteiras culturais e confessionais. Historicamente, o termo foi utilizado sobretudo no contexto cristão, referindo-se aos esforços de aproximação entre igrejas separadas ao longo dos séculos. No entanto, no mundo contemporâneo, o seu alcance alargou-se, passando muitas vezes a abranger o diálogo entre religiões distintas, aproximando-se do conceito de diálogo inter-religioso.

Importa, desde logo, compreender que o ecumenismo não procura eliminar diferenças nem fundir crenças num modelo único. Pelo contrário, reconhece a diversidade como uma realidade inevitável e, em muitos aspectos, enriquece-

dora. O seu objectivo é criar espaços de entendimento onde seja possível escutar o outro sem abdicar da própria identidade. Trata-se de um equilíbrio delicado, que exige maturidade espiritual, conhecimento e uma profunda ética de respeito.

A necessidade de um movimento ecuménico tornou-se particularmente evidente na modernidade, após séculos marcados por divisões, conflitos e incompreensões no seio do cristianismo. A fragmentação iniciada com a Reforma do século XVI — associada a figuras como Martinho Lutero — deu origem a uma multiplicidade de denominações que, durante muito tempo, coexistiram com pouca comunicação e, por vezes, em oposição directa. Este cenário revelou, ao longo do tempo, a urgência de criar pontes que permitissem recuperar, ainda que parcialmente, um sentido de unidade.

Um dos momentos decisivos neste processo foi

a criação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948. Esta organização reuniu diversas igrejas cristãs com o propósito de promover o diálogo teológico, a cooperação e a reflexão conjunta sobre questões sociais e espirituais. Mais do que resolver divergências doutrinárias, o Conselho procurou estabelecer uma base comum de entendimento, reconhecendo que a unidade não implica uniformidade.

No seio da Igreja Católica, o ecumenismo ganhou novo impulso com o Concílio Vaticano II, um dos acontecimentos mais marcantes do século XX no campo religioso. Através de documentos como *Unitatis Redintegratio*, a Igreja reconheceu a importância de restaurar a unidade entre os cristãos e assumiu o compromisso de dialogar com outras confissões. Este momento representou uma mudança significativa de atitude, abrindo caminho a encontros, colaborações e uma maior abertura ao pluralismo religioso.

Para além das instituições, o ecumenismo ganha verdadeira expressão na vida de pessoas que fizeram do diálogo uma prática concreta. Desmond Tutu, arcebispo anglicano e Prémio Nobel da Paz, é um exemplo emblemático. A sua intervenção durante e após o regime do apartheid na África do Sul demonstrou como a fé pode ser um instrumento de reconciliação. Através da Comissão de Verdade e Reconciliação, promoveu um modelo de justiça assente na escuta, no reconhecimento do sofrimento e na

possibilidade de perdão, envolvendo diferentes comunidades religiosas e culturais.

Outro exemplo significativo é o de Papa Francisco, cujo pontificado tem sido marcado por uma forte aposta no diálogo inter-religioso. O seu encontro com líderes de outras religiões, bem como a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana, evidenciam uma visão de fé aberta ao mundo e comprometida com a construção de uma convivência pacífica. Este documento, assinado com o Grande Imã de Al-Azhar, representa um marco no diálogo entre cristãos e muçulmanos, sublinhando valores comuns como a dignidade humana, a liberdade religiosa e a rejeição da violência.

No âmbito mais alargado do diálogo entre religiões, o Dalai Lama destaca-se como uma figura profundamente influente. Embora proveniente da tradição budista, a sua participação em encontros inter-religiosos e o seu discurso centrado na compaixão e na responsabilidade global fazem dele um símbolo de abertura e entendimento. A sua obra mostra que o ecumenismo, no sentido mais amplo, pode ultrapassar fronteiras doutrinárias e centrar-se em valores universais.

A importância do ecumenismo não se limita ao campo teológico. Num mundo globalizado, onde culturas e religiões se encontram com maior frequência, o diálogo torna-se uma necessidade prática. Conflitos com motivação re-





ligiosa, tensões identitárias e incompreensões culturais demonstram como a ausência de diálogo pode ter consequências graves. O ecumenismo oferece, neste contexto, uma alternativa baseada na cooperação, na educação e no reconhecimento mútuo.

Em muitas regiões, iniciativas ecuménicas têm tido impacto concreto na vida das comunidades. Projectos sociais desenvolvidos em conjunto por diferentes igrejas, acções humanitárias partilhadas e espaços de oração inter-confessional são exemplos de como o diálogo pode traduzir-se em acção. Nestes contextos, a fé deixa de ser um factor de divisão e torna-se uma força mobilizadora para o bem comum.

Contudo, o caminho ecuménico não está isento de desafios. As diferenças doutrinárias continuam a ser significativas, e a história deixou marcas difíceis de ultrapassar. O diálogo exige tempo, paciência e uma disposição genuína para compreender o outro. Não se trata de um processo linear, mas de um percurso feito de avanços e recuos, onde a confiança se constrói gradualmente.

Apesar dessas dificuldades, o ecumenismo permanece como uma das respostas mais consistentes aos desafios do mundo contem-

porâneo. Num tempo em que a polarização e a fragmentação parecem acentuar-se, a capacidade de dialogar torna-se um valor essencial. O ecumenismo recorda que a diversidade não é necessariamente uma ameaça, mas pode ser uma oportunidade de enriquecimento mútuo. Em última análise, o ecumenismo é uma expressão de humanidade partilhada. Ao promover o encontro entre diferentes tradições, convida-nos a reconhecer que, para além das diferenças, existe um terreno comum onde é possível construir pontes. É um exercício de humildade e de abertura, que não diminui a identidade de cada um, mas a amplia através do contacto com o outro.

Num registo mais amplo, o ecumenismo aponta para uma visão do mundo onde a convivência pacífica não é apenas desejável, mas possível. Não como resultado da eliminação das diferenças, mas da capacidade de as integrar num horizonte comum de respeito e cooperação. Nesse sentido, mais do que um conceito teológico, o ecumenismo afirma-se como um caminho ético e espiritual, essencial para a construção de uma sociedade mais justa, mais dialogante e mais consciente da sua diversidade.



O CONGÁ DE UMBANDA

No universo ritual da Umbanda, o congá ergue-se como um dos elementos mais centrais, estruturantes e carregados de significado. Não é apenas um altar no sentido comum da palavra, nem um espaço decorativo destinado à contemplação estética. O congá é, antes de mais, um ponto de força, um eixo organizador do trabalho espiritual, um lugar onde o visível e o invisível se encontram e se articulam de forma consciente e orientada. É ali que a fé ganha forma, que o axé se concentra e se distribui, e que a presença das entidades espirituais se torna perceptível no plano material.

A própria noção de congá remete para um espaço consagrado, preparado com intenção, conhecimento e respeito. Na Umbanda, religião de matriz profundamente sincrética, que integra influências africanas, indígenas, cristãs e espiritistas, o congá reflecte essa diversidade sem perder coerência. Não existe um modelo único e universal, pois cada terreiro organiza o seu congá de acordo com a sua tradição, a sua linha espiritual e a orientação da entidade dirigente. No entanto, apesar das variações, o princípio fundamental mantém-se: o congá é o centro espiritual da casa.

A sua estrutura pode variar em dimensão, complexidade e composição, mas certos elementos são recorrentes. Imagens de orixás, representações de guias espirituais — como caboclos, pretos-

-velhos, crianças, exus — velas, flores, água, elementos naturais e objectos ritualísticos compõem, de forma organizada, este espaço sagrado. Cada um destes elementos possui função e significado próprios. Nada é colocado ao acaso. A disposição, a quantidade e a relação entre os objectos obedecem a uma lógica espiritual que visa equilibrar, canalizar e sustentar o fluxo energético do terreiro.

A água, frequentemente presente em copos ou recipientes colocados no congá, desempenha um papel fundamental. É entendida como elemento de purificação, de absorção e de irradiação de energia. A sua presença contribui para a limpeza espiritual do ambiente e para a estabilização das vibrações. A água não é estática; é um elemento vivo dentro do contexto ritual, que interage com as forças invocadas e com o próprio espaço.

As velas, por sua vez, são expressão de luz e de ligação. A chama acesa representa a presença activa do sagrado, funcionando como canal de comunicação entre planos. Acender uma vela no congá não é um gesto mecânico; é um acto consciente, carregado de intenção, que visa activar uma determinada força, agradecer, pedir ou estabelecer ligação com uma entidade. A luz da vela simboliza clareza, orientação e presença espiritual.

As imagens ocupam também um lugar de destaque. Embora a Umbanda reconheça que o sagra-

do não se limita a representações materiais, estas imagens funcionam como pontos de concentração e identificação. Facilitam a ligação entre o praticante e as entidades, servindo como suporte para a devoção e a invocação. Em muitos casos, estas imagens reflectem o sincretismo religioso que marcou a história da Umbanda, coexistindo representações de santos católicos com orixás e guias espirituais. Este fenómeno não é casual, mas resultado de um processo histórico de adaptação e resistência, onde diferentes tradições se encontraram e se integraram.

O congá, contudo, não é um espaço estático ou meramente contemplativo. É um ponto dinâmico, vivo, que se transforma ao longo do tempo. A sua manutenção exige disciplina, conhecimento e respeito. Limpar, organizar, substituir elementos e cuidar do congá faz parte do trabalho espiritual. Trata-se de uma prática que vai além da dimensão física; é uma forma de manter o equilíbrio energético do espaço e de honrar as forças que ali se manifestam.

Durante os rituais, o congá assume uma função ainda mais evidente e activa. É a partir dele que se estabelecem as invocações, que se organizam os trabalhos e que se orienta o fluxo energético do terreiro. Os médiuns, ao iniciarem as suas actividades, dirigem-se ao congá em sinal de respeito, reconhecendo-o como ponto de ligação com o plano espiritual. As entidades, quando incorporam, fazem-no em relação a esse espaço, que funciona como referência e eixo de organização.

O congá é também um ponto de hierarquia. A sua organização reflecte a estrutura espiritual da casa. As entidades são dispostas de acordo com a sua linha, função e posição dentro do culto. Esta organização não é arbitrária; segue princípios transmitidos pela tradição e pela orientação espiritual. A forma como o congá é estruturado revela, muitas vezes, a identidade do terreiro, a sua linha de trabalho e a sua forma de compreender o sagrado. Para além do seu papel no contexto colectivo, o congá pode assumir uma dimensão mais íntima. Muitos praticantes mantêm, em suas casas, pequenos congás pessoais. Estes espaços, embora mais simples, seguem os mesmos princípios de respeito, organização e intenção. Funcionam como pontos de ligação individual com o sagrado, permitindo que a prática espiritual se mantenha no quotidiano. No entanto, mesmo nestes casos, é fundamental que o congá seja orientado com conhecimento, evitando improvisações que possam comprometer o equilíbrio energético.

O significado do congá ultrapassa largamente a sua dimensão material. Ele é, simultaneamente, símbolo, função e presença. Representa a ordem dentro do ritual, a ligação entre planos e a manifestação concreta de uma espiritualidade que não separa o visível do invisível. No congá, a matéria não é oposta ao espírito; é veículo do espírito. Cada objecto, cada gesto, cada elemento ali presente participa de uma lógica onde o sagrado se expressa de forma integrada.

Num plano mais profundo, o congá pode ser en-



tendido como uma síntese da própria Umbanda. Nele convergem diferentes influências culturais e espirituais, organizadas de forma coerente. A diversidade que caracteriza a religião encontra ali uma expressão concreta e harmonizada. O congá revela, assim, a capacidade da Umbanda de integrar, adaptar e transformar, sem perder a sua essência.

A sua importância torna-se ainda mais evidente quando se considera a função do terreiro como espaço de acolhimento, cura e orientação. O congá é o ponto a partir do qual se estruturam os trabalhos espirituais destinados a ajudar aqueles que procuram o terreiro. Seja através de passes, consultas, aconselhamento ou rituais específicos, é a partir do congá que o trabalho se organiza e se legitima. Ele é, nesse sentido, o coração espiritual da casa.

A relação dos praticantes com o congá é marcada por respeito, reverência e consciência. Não se trata de um espaço comum, mas de um ponto consagrado que exige postura adequada. Gestos simples, como aproximar-se, acender uma vela ou fazer uma prece, são realizados com intenção e cuidado. Esta atitude reflecte uma compreensão profunda do sagrado como algo presente, vivo e digno de respeito.

Importa ainda referir que o congá não deve ser confundido com um espaço de ostentação. A sua

força não reside na quantidade de elementos ou na sua aparência exterior, mas na coerência, no fundamento e no axé que nele circula. Um congá simples, mas correctamente orientado e bem cuidado, possui plena eficácia espiritual. A beleza do congá está na sua harmonia, na sua organização e na intenção que o sustenta.

Num mundo contemporâneo frequentemente marcado pela dispersão e pela superficialidade, o congá representa um centro. Um ponto de estabilidade, de orientação e de ligação profunda com o sagrado. Ele recorda que a espiritualidade pode — e deve — ter um lugar concreto na vida, que o invisível pode ser organizado e que a fé pode ser vivida de forma estruturada e consciente.

Assim, compreender o congá é compreender uma das dimensões mais essenciais da Umbanda. Não apenas como estrutura ritual, mas como expressão de uma visão do mundo onde o sagrado está presente em todas as coisas, onde a natureza e o espírito se interligam, e onde o ser humano encontra, através da prática, um caminho de equilíbrio, de conhecimento e de ligação com aquilo que transcende o imediato. O congá não é apenas um lugar — é um ponto de encontro, um espaço de força e um testemunho vivo de uma tradição que continua a pulsar, a transformar-se e a iluminar aqueles que dela se aproximam.





PREVISÕES PARA OS MESES DE JUNHO A DEZEMBRO



CARNEIRO 2103 a 2004

O foco do semestre será a reconstrução pessoal. Com Saturno e Neptuno no seu signo, você sentirá um chamado para amadurecer e consolidar projetos. O eclipse solar em Leão (agosto) ativa sua criatividade e romances. É hora de mostrar seu valor, mas cuidado com o excesso de autoritarismo no final do ano durante a retrogradação de Vênus.



CARANGUEJO 2106 a 2007

Após o intenso trânsito de Júpiter pelo seu signo, o foco agora se volta para as finanças e valores. É um ótimo período para monetizar talentos. No entanto, o eclipse solar de agosto pede cuidado com gastos por impulso. Em outubro, Mercúrio retrógrado sugere cautela em contratos e negociações familiares.



TOURO 2104 a 2005

Úrano finalmente saiu do seu signo, trazendo um alívio nas reviravoltas constantes. O segundo semestre foca em estabilidade e raízes. Vênus retrógrado em Escorpião (outubro/novembro) afetará diretamente seus relacionamentos. Antigos parceiros ou questões mal resolvidas podem retornar para uma revisão final e profunda.



LEÃO 2107 a 2008

Você é o protagonista do semestre! Com Júpiter no seu signo a partir de julho, as portas se abrem para expansão pessoal e profissional. O eclipse solar em seu signo marca um novo começo poderoso. Use essa energia para liderar, mas esteja preparado para rever sua imagem pessoal durante a retrogradação de Vênus em outubro.



GÊMEOS 2105 a 2006

Com Úrano agora em seu signo, você é o motor da inovação. O semestre será de mudanças imprevisíveis, mas estimulantes. Júpiter em Leão favorece muito sua comunicação e estudos. Viagens curtas e novos aprendizados trazem oportunidades financeiras. Mantenha a mente aberta para novas tecnologias.



VIRGEM 2108 a 2009

O semestre pede um mergulho interno e espiritual. É um período de "gestação" de novos planos que só florescerão plenamente em 2027. O eclipse lunar de março (cujos efeitos reverberam) e os trânsitos de agosto focam na sua saúde e rotina. Não negligencie o descanso; sua mente estará acelerada e precisará de pausas.





BALANÇA **2109 a 2010**

O foco estará no seu papel na sociedade e em grupos. É hora de expandir sua rede de contatos e se envolver em projetos coletivos. Vênus, seu regente, fica retrógrado em seu signo em novembro. Isso exigirá uma revisão profunda da sua autoestima e da forma como você se doa nas relações. Não tenha medo de dizer "não".



CAPRICÓRNIO **2112 a 2001**

O semestre foca em transformação e recursos compartilhados. Você estará lidando com heranças, investimentos ou dinheiro de parceiros. A comunicação ganha força, mas a vida familiar pede presença. Saturno retrógrado em Áries até dezembro exige que você reorganize suas bases emocionais antes de dar o próximo passo na carreira.



ESCORPIÃO **2110 a 2011**

Este semestre coloca sua carreira em evidência. Júpiter em Leão ilumina sua casa do sucesso, trazendo reconhecimento ou novas propostas. Prepare-se para um final de ano intenso com Mercúrio e Vênus retrógrados em seu signo. Segredos podem vir à tona e transformações internas profundas serão necessárias para fechar o ano com clareza.



AQUÁRIO **2101 a 2002**

O tema central são as parcerias e o "nós". Com Plutão em seu signo, o processo de metamorfose continua, mas agora focado em como você se relaciona. Júpiter em Leão (seu signo oposto) traz novas pessoas para sua vida. Algumas trarão sorte, outras desafios ao seu ego. O eclipse de agosto pede equilíbrio entre suas vontades e as dos outros.



SAGITÁRIO **2111 a 2012**

A energia favorece a expansão de horizontes, seja através de viagens longas, espiritualidade ou ensino superior. Júpiter em Leão é um aspecto harmônico para você, trazendo sorte e otimismo. É o momento ideal para planejar aquela viagem dos sonhos ou iniciar uma especialização que mude seu patamar profissional.



PEIXES **2101 a 2002**

O semestre foca no trabalho e na qualidade de vida. Com Neptuno saindo do seu signo e entrando em Áries, aquela sensação de "névoa" começa a se dissipar. É um ótimo momento para organizar a rotina e focar na saúde. Júpiter em Leão traz boas oportunidades de emprego. No amor, a sensibilidade continua alta, mas agora com um pé mais firme no chão.



SAÍDA DE YAO

No passado dia 16 de Maio de 2026 , foi com grande alegria que um omo orisá do Ilê Asé Opô Alaketu Omin Ògún concluiu mais um passo da sua caminhada espiritual , realizando a sua iniciação no Candomblé. Como Otun Orisá do Ilê e Babalorisá do Yaô, bem como em nome de toda a nossa família de Asé , queremos desejar a David d'Ayrá, que o seu Grande Baba a continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora.

Que Baba Songo seja sempre o seu caminho, trazendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade. Como Bábalorisá do Yaô agradeço também a confiança em mim depositada, assim como gratidão ao Agabá do Ilê, Babalorisá Jomar d'Ògún. Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo. Olorun Modupé.

Babalorisa Paulo d'Yemonjá



Saída de Yao





VIVA ALEGRE, COMA SAUDÁVEL!



OVOS ESCALFADOS COM MOLHO DE TOMATE

Ingredientes

1 Cebola picada;
4 Tomates de tamanho médio e maduros;
1/2 Pimento vermelho;
3 Ovos;
Cebolinho (quantidade a gosto);
1/2 colher de Piri-Piri;
Óleo de côco ou Azeite;
Vinagre de cidra.

Instruções de preparação

Retirar a pele do tomate e cortar em pedaços pequenos, cortar o pimento em pequenas tiras. Numa frigideira grande colocar um fio de óleo de côco ou azeite e refogar a cebola. Adicionar o tomate, pimento, piri-piri e deixar cozinhar por cerca de 5 minutos, até o tomate se desfazer e formar um molho espesso. Juntar 2 colheres de sopa de vinagre de cidra, para cortar o paladar doce, e mexer. Temperar com pimenta a gosto, adicionar o ovo e deixar escalfar, cerca de 3 minutos. Polvilhar com cebolinho picado e está pronta a sua refeição.

Sabia que...

O tomate é muito rico em licopeno. A ação antioxidante deste composto é potenciada quando o tomate é aquecido juntamente com uma gordura saudável.

Dica: Para minimizar teor de colesterol usar as 3 claras do ovo e apenas 1-2 das gemas.



EBÓ | OFERENDA

Picar as vísceras do animal.
Envolve este picado em épó pupa com sal.
Enquanto faz isto, mentalize o que quer.
Ofereça no assentamento ou numa clareira dentro da mata, pedindo todos os benefícios pretendidos.



INVOCÇÃO

**PEÇO À SRA. DA NOITE
(DIZER O NOME OU PEDIR
NO GERAL A TODAS),
QUE EQUILIBRE TODOS O
MEU SER E ME TRAGA OS
BENEFÍCIOS QUE TANTO
PRECISO (DIZER QUAIS).
QUE EU SEJA LIVRE DE
QUALQUER CORREÇÃO;
QUE A VOSSA
BENEVOLENÇA CAIA
SOBRE MIM.**



AWÓ

A IMPORTÂNCIA DO SEGREDO E DO SILÊNCIO NOS FUNDAMENTOS

No universo dos cultos afro-brasileiros, poucos princípios são tão estruturantes — e, ao mesmo tempo, tão profundamente mal compreendidos — como o segredo e o silêncio. Num tempo marcado pela exposição constante, pela necessidade de explicar, mostrar e validar tudo, a ideia de guardar, resguardar e não revelar pode ser interpretada como resistência, exclusão ou até ocultação deliberada. Contudo, dentro destas tradições, o segredo não é ausência de partilha, nem o silêncio falta de conteúdo: são, antes, pilares que sustentam a integridade do sagrado, a continuidade do conhecimento e a maturidade de quem o recebe. É neste contexto que surge o conceito de awó, palavra de origem yorùbá que significa “segredo”, mas cujo significado ultrapassa largamente essa tradução directa. Awó não é apenas aquilo que não se diz; é aquilo que se preserva porque contém força, consequência e responsabilidade. É um conhecimento vivo, que não pode ser separado da experiência, nem reduzido a informação. O awó não se esconde por medo — protege-se por consciência.

Dentro dos fundamentos dos cultos afro-brasilei-

ros, o segredo assume uma função estrutural. Ele delimita o espaço do conhecimento, estabelece ritmos de aprendizagem e define relações de confiança. Não se trata de impedir o acesso, mas de reconhecer que o conhecimento, quando transmitido fora do tempo ou do contexto adequado, perde sentido, eficácia e, por vezes, pode gerar desequilíbrio. Há ensinamentos que não podem ser compreendidos apenas pela escuta ou pela leitura; exigem vivência, integração e transformação interior.

O conhecimento, nestas tradições, não é acumulativo — é iniciático. Não se mede pela quantidade de informação adquirida, mas pela capacidade de incorporar, compreender e viver aquilo que é transmitido. O awó protege precisamente esse processo. Garante que o saber não se banaliza, que não se torna superficial e que mantém a sua ligação com a linhagem, com a prática e com a experiência directa.

Ao contrário de uma lógica moderna de acesso imediato, aqui o conhecimento é progressivo. Revela-se por camadas, acompanhando o desenvolvimento do indivíduo. Cada etapa exige prepa-

ração, disciplina e responsabilidade. O segredo, neste sentido, não é um obstáculo, mas um método. Ele organiza o percurso, protege o aprendiz e preserva a força do ensinamento.

O silêncio surge como complemento essencial do awó. Se o segredo delimita o que pode ser dito, o silêncio cria as condições para que o que não é dito possa ser percebido. O silêncio, nos cultos afro-brasileiros, não é passividade; é uma prática activa de escuta, observação e integração. É no silêncio que se aprende a ver para além do óbvio, a captar nuances, a reconhecer sinais subtis.

Num ambiente onde a palavra é constante, o silêncio torna-se uma forma de disciplina. Ensina a conter a necessidade de falar, a respeitar o tempo do outro, a não interferir sem necessidade. Este exercício não é apenas social; é profundamente espiritual. Ao reduzir o ruído externo, o indivíduo cria espaço para uma escuta mais profunda — de si, do ambiente e do que não se expressa verbalmente.

O silêncio também protege o awó. Ao não verbalizar constantemente aquilo que é vivido, o conhecimento amadurece internamente. Há experiências que perdem força quando são imediatamente traduzidas em palavras. O silêncio permite que essas experiências se consolidem, que se integrem e que ganhem significado ao longo do tempo.

A relação entre awó e silêncio está intrinsicamente ligada à responsabilidade. Saber algo, dentro

destes contextos, implica saber guardar. A palavra não é neutra; tem impacto. Dizer fora de tempo, fora de contexto ou a quem não está preparado pode gerar distorção, incompreensão ou até desequilíbrio. O awó não é apenas um conteúdo a proteger; é uma postura a assumir.

Importa compreender que o segredo, nestas tradições, não é absoluto nem arbitrário. Ele é graduado, progressivo e contextual. À medida que o indivíduo se desenvolve, novos níveis de conhecimento tornam-se acessíveis. Esta progressão não depende apenas de tempo, mas de maturidade, de compromisso e de capacidade de integrar o que já foi recebido. O silêncio acompanha este processo, garantindo que cada etapa seja vivida antes de se avançar.

Num plano mais profundo, o awó protege o próprio sagrado. Ao não ser exposto indiscriminadamente, aquilo que é sagrado mantém a sua densidade, o seu mistério e a sua força. A banalização é um risco real quando o conhecimento é retirado do seu contexto e transformado em informação acessível sem mediação. O segredo funciona, assim, como um limite necessário — não para excluir, mas para preservar.

O silêncio, neste sentido, torna-se uma linguagem. Não uma linguagem de palavras, mas de presença. Saber estar em silêncio é saber observar, perceber, respeitar. É reconhecer que nem tudo precisa de ser explicado para ser compreendido.



Muitas vezes, aquilo que é mais profundo não pode ser dito — apenas vivido.

Num mundo onde a comunicação é imediata, onde tudo é partilhado, comentado e exposto, esta valorização do silêncio pode parecer estranha. No entanto, é precisamente essa diferença que revela a sua importância. O silêncio não é ausência de comunicação; é uma forma mais refinada de comunicar. Permite que o essencial emergja sem ser diluído em excesso de palavras.

Há também uma dimensão ética no awó. Guardar o segredo é um acto de respeito — pela tradição, pelos antepassados, pelos que ensinaram e pelos que ainda irão aprender. Ao preservar o conhecimento, o indivíduo participa na continuidade de uma linhagem. Não é apenas receptor; torna-se guardião.

Este papel de guardião exige consciência. Não se trata de deter poder sobre o conhecimento, mas de reconhecer o seu valor. O awó não pertence ao indivíduo; atravessa-o. É transmitido, vivido e, quando chega o momento, partilhado com responsabilidade.

O silêncio reforça essa ética. Ao evitar a exposição desnecessária, protege-se não apenas o conteúdo, mas a relação com ele. O que é constantemente falado perde densidade; o que é vivido em silêncio ganha profundidade. Esta dinâmica não é exclusiva dos cultos afro-brasileiros, mas encontra neles uma expressão particular-

mente clara e estruturada.

Num plano mais amplo, estes princípios convidam a uma reflexão sobre a forma como a sociedade contemporânea lida com o conhecimento. A facilidade de acesso não garante compreensão. A quantidade de informação não assegura profundidade. O awó recorda que há saberes que exigem tempo, contexto e vivência. O silêncio lembra que nem tudo precisa de ser imediatamente traduzido em palavras.

A importância do awó e do silêncio nos fundamentos dos cultos afro-brasileiros reside, assim, na sua função de preservação, organização e maturação. São mecanismos que garantem que o conhecimento mantém a sua força, que a prática conserva a sua integridade e que o indivíduo desenvolve a sua consciência de forma progressiva.

Em última análise, o segredo e o silêncio não são limitações, mas condições para que algo mais profundo possa existir. São formas de proteger o sagrado, de respeitar o tempo e de permitir que o conhecimento se revele no momento certo. Num mundo onde tudo tende a ser exposto, recordar o valor do que se guarda torna-se um acto de resistência — não contra o conhecimento, mas a favor da sua verdadeira compreensão.

Assim, o awó não é apenas um segredo; é um princípio. E o silêncio não é apenas ausência de som; é um espaço onde o sagrado pode, finalmente, ser ouvido.





O A CORUJA E O PAGANISMO

A coruja ocupa um lugar singular e profundamente enraizado no imaginário das religiões e dos cultos pagãos ao longo da história. A sua presença atravessa diferentes culturas, épocas e geografias, mantendo uma coerência simbólica rara: é, simultaneamente, guardião do mistério, símbolo de sabedoria e mensageira de dimensões invisíveis. Esta persistência não é casual. Resulta de uma leitura atenta da natureza, característica das tradições pagãs, onde cada ser vivo é entendido como portador de significado e expressão do sagrado. Ave de hábitos noturnos, de voo silencioso e olhar fixo, a coruja destaca-se desde logo por características que, aos olhos humanos, evocam algo que transcende o comum. A sua capacidade de se mover sem ruído, de observar na escuridão e de surgir de forma quase inesperada, contribuiu para a construção de uma aura de mistério que rapidamente se integrou no pensamento religioso antigo. No contexto pagão, onde a natureza não é separada do divino, mas antes considerada a sua manifestação direta, estas qualidades foram interpre-

tadas como sinais de uma ligação privilegiada ao invisível.

Na Antiguidade Clássica, a coruja encontra uma das suas associações mais conhecidas ao ser ligada à deusa Atena, na Grécia Antiga. Enquanto divindade da sabedoria, da estratégia e do conhecimento, Atena é frequentemente representada acompanhada por esta ave. A relação não é meramente simbólica no sentido superficial; a coruja encarna uma dimensão essencial da própria deusa — a capacidade de ver para além das aparências, de compreender o que está oculto e de actuar com discernimento mesmo em contextos de incerteza. À noite, neste enquadramento, deixa de ser entendida como ausência de luz e passa a ser vista como espaço de revelação, onde apenas aqueles que possuem percepção refinada conseguem orientar-se.

Em Roma, herdeira de muitos elementos da cultura grega, a coruja manteve um estatuto relevante, embora com uma tonalidade mais ambivalente. Para além da associação à sabedoria, passou também a ser interpretada, em

A Coruja e o Paganismo

determinados contextos, como sinal de advertência ou de transformação iminente. Esta dualidade acompanha a figura da coruja em várias tradições pagãs: aquilo que revela pode também inquietar; aquilo que ilumina pode igualmente anunciar mudança. A coruja torna-se, assim, um símbolo de transição, de passagem entre estados e de contacto com aquilo que não é imediatamente compreensível.

Nas tradições célticas, profundamente ligadas aos ciclos naturais e ao território, a coruja assume um papel de guardiã dos limiares. Surge associada à noite, ao submundo e ao domínio dos ancestrais, sendo frequentemente interpretada como mediadora entre o mundo dos vivos e o dos mortos. A noite, neste contexto, não é apenas escuridão, mas um espaço fértil de introspeção e transformação. É durante a noite que a natureza se recolhe, que o ruído diminui e que a percepção se aprofunda. A coruja, como habitante natural deste tempo e deste espaço, torna-se símbolo de orientação nesse percurso interior, guiando aqueles que se aventuram nas dimensões mais subtis da existência.

Também nas tradições nórdicas, embora não ocupe um lugar central nos mitos mais conhecidos, a coruja é associada ao conhecimento oculto e à vigilância. A cultura nórdica valoriza

profundamente a sabedoria adquirida através da experiência, da observação e do silêncio — qualidades que encontram correspondência na natureza desta ave. A sua capacidade de permanecer imóvel, de observar atentamente e de agir no momento certo reforça a sua associação a formas de conhecimento que exigem disciplina e contenção.

No âmbito das práticas pagãs contemporâneas, como a Wicca e outras correntes neopagãs, a coruja mantém uma presença ativa e significativa. É frequentemente reconhecida como um animal de poder, associado à intuição, à clarividência e à percepção do que se encontra oculto. A sua simbologia é integrada em rituais, práticas meditativas e processos de desenvolvimento espiritual, onde representa a capacidade de ver para além da superfície e de aceder a níveis mais profundos de compreensão.

A ligação da coruja à noite continua a ser um dos aspetos centrais da sua interpretação. No pensamento pagão, a noite não é entendida como um espaço negativo, mas como uma dimensão complementar ao dia, essencial para o equilíbrio dos ciclos naturais. É na noite que se processam transformações invisíveis, que se dá a regeneração e que se estabelece contacto com dimensões mais subtis. A coruja,





enquanto criatura que domina este território, simboliza a capacidade de atravessar o desconhecido com segurança e de encontrar orientação onde outros apenas veem escuridão.

Para além disso, a coruja é frequentemente associada à ideia de vigilância. O seu olhar fixo e penetrante sugere uma atenção constante, uma consciência desperta que não se deixa distrair. Esta característica foi interpretada, em diversas tradições, como sinal de proteção e de presença espiritual. A coruja observa, acompanha e, de certa forma, guarda. Não intervém de forma evidente, mas a sua simples presença indica que algo está a ser vigiado, que existe uma consciência atenta ao desenrolar dos acontecimentos.

A sua relação com a morte, presente em várias culturas, deve ser compreendida dentro da lógica cíclica das religiões pagãs. A morte não é vista como um fim absoluto, mas como parte de um processo contínuo de transformação e renovação. A coruja, ao surgir associada a este tema, assume o papel de mensageira de passagem, de transição entre estados de existência. Não anuncia necessariamente um des-

fecho negativo, mas sim uma mudança, um momento de viragem que exige adaptação e consciência.

Importa ainda sublinhar que, nas tradições pagãs, os animais não são reduzidos a símbolos abstratos. São entendidos como manifestações concretas de forças naturais, cada um com o seu papel e o seu significado. A coruja, neste sentido, não “representa” apenas a sabedoria ou o mistério; ela é a expressão viva dessas qualidades na natureza. O seu comportamento, os seus ciclos e a sua forma de interagir com o ambiente tornam-se referências para a compreensão de princípios mais amplos.

A persistência da coruja no imaginário espiritual revela, também, uma constante da experiência humana: a necessidade de dar sentido ao desconhecido. Num mundo onde nem tudo é visível ou explicável, a coruja surge como símbolo de uma forma de conhecimento que não depende exclusivamente da razão, mas que integra a intuição, a observação e a capacidade de aceitar o mistério.

Num plano mais contemporâneo, a sua ima-

A Coruja e o Paganismo

gem continua a ser utilizada como evocação de profundidade, de introspecção e de ligação a dimensões menos evidentes da realidade. No entanto, essa utilização só mantém o seu verdadeiro significado quando se respeita o seu contexto original: o de uma ave que, pela sua natureza, inspirou gerações a olhar para além do imediato e a reconhecer que o conhecimento não se limita ao que é iluminado pela luz do dia.

Assim, nas religiões e cultos pagãos, a coruja permanece como um dos mais poderosos arquétipos da relação entre o ser humano e o sagrado. Não apenas como símbolo de sabedoria, mas como guardião do invisível, mediadora entre mundos e presença silenciosa que convida à observação, ao respeito e à compreensão profunda da realidade. A sua figura recorda que há um conhecimento que não se impõe, que não se revela de forma ruidosa, mas que se manifesta no silêncio, na escuridão e na atenção plena — um conhecimento que continua a ser procurado por aqueles que, ainda hoje, reconhecem na natureza uma expressão direta do divino.



Babalórisá Paulo d'Yemonjá

Paí de Santo de Candomblé Ketú

Consultas de Buzios

Veja como organizar a sua vida para
obter melhores resultados!

Sigilo, honestidade e descrição

21 259 54 08



93 213 11 77



paulo.ketu@hotmail.com

www.facebook.com/babalorisapaulo.dyemonja



OXUM E AS IYAMI

No vasto e profundo universo da tradição iorubá e das religiões afro-brasileiras, a relação entre Oxum e as Iyámi Òsòròngá revela uma das dimensões mais subtis, complexas e reverenciadas do sagrado feminino. Não se trata de uma ligação linear ou simplificada, mas de uma articulação entre diferentes expressões do poder feminino — uma visível, próxima e harmonizadora; outra ancestral, reservada e detentora de um poder primordial.

Dentro de determinadas leituras e tradições, Oxum é reconhecida como a líder suprema das Iyámi Òsòròngá, as chamadas Grandes Mães Ancestrais. Nesta perspectiva, ela não apenas participa desse poder, mas assume uma função central e de regulação, detentora de um princípio feminino primordial ligado à fertilidade, à sabedoria e à sustentação da

vida. É por meio dessa posição que se entende o seu papel como garantidora do equilíbrio do universo, mediando forças profundas e, por vezes, difíceis de compreender.

Oxum, orixá das águas doces, está associada à gestação, ao cuidado, à sensibilidade e à capacidade de gerar e nutrir a vida. A sua presença manifesta-se na fluidez dos rios, na fertilidade da terra e na delicadeza dos processos invisíveis que sustentam o crescimento e a transformação. Contudo, esta suavidade não deve ser confundida com fragilidade. Em Oxum reside um conhecimento profundo, uma sabedoria que lhe permite actuar como ponte entre o visível e o invisível.

As Iyámi Òsòròngá, por sua vez, representam uma dimensão ancestral e poderosa do feminino. Associadas ao princípio da criação e da

Oxum e as Iyami

transformação, são entendidas como forças que actuam para além da superfície da existência. O seu poder é frequentemente envolto em reserva, não por ocultação gratuita, mas por reconhecimento da sua intensidade e da necessidade de respeito. São forças que sustentam, regulam e, quando necessário, corrigem, mantendo o equilíbrio entre diferentes dimensões da realidade.

Ao considerar Oxum como líder suprema destas forças, compreende-se o seu papel como mediadora e harmonizadora. Não se trata de uma liderança no sentido hierárquico comum, mas de uma centralidade espiritual que integra, organiza e equilibra. Oxum, nesta leitura, conhece os mistérios das Iyami, respeita a sua profundidade e actua em consonância com esse poder, garantindo que a sua expressão se mantenha alinhada com a ordem do universo.

Esta relação revela uma compreensão sofisticada do feminino nas tradições iorubás. O feminino não é apresentado como uma entidade única ou homogénea, mas como um conjunto de dimensões interligadas — da

doçura à força, da criação à transformação, da visibilidade à ocultação. Oxum e as Iyami não são opostas, mas complementares, expressando diferentes níveis de uma mesma realidade espiritual.

No contexto das religiões afro-brasileiras, esta ligação é tratada com profundo respeito e cuidado. Os fundamentos relacionados com as Iyami são, em muitos casos, preservados dentro de contextos específicos de iniciação e conhecimento, refletindo a importância de manter o equilíbrio e a integridade das práticas. Oxum, pela sua natureza mais acessível, torna-se uma via de aproximação a esses mistérios, uma forma de compreender, ainda que parcialmente, a profundidade do poder feminino ancestral.

A associação de Oxum à liderança das Iyami reforça também o seu papel como guardiã da fertilidade e da continuidade da vida. A fertilidade, neste contexto, não se limita ao aspecto biológico, mas abrange a capacidade de gerar ideias, caminhos, relações e transformações. É uma fertilidade ampla, que sustenta o movimento da existência e assegura a renovação



Oxum e as Iyami

constante do mundo.

Num plano mais simbólico, esta ligação convida a uma reflexão sobre o equilíbrio. O poder, quando não é regulado, pode tornar-se destrutivo; quando harmonizado, torna-se fonte de criação e continuidade. Oxum, enquanto princípio equilibrador, representa essa capacidade de gerir forças intensas com sabedoria, sensibilidade e consciência.

Falar da ligação entre Oxum e as Iyami Òsòròngá é, assim, reconhecer a profundidade do sagrado feminino nas suas múltiplas expressões. É compreender que por detrás da beleza e da fluidez das águas doces existe uma dimensão ancestral que sustenta e regula a vida. E é aceitar que o

feminino, na sua totalidade, não se revela de forma imediata — convida antes ao respeito, à escuta e à contemplação.

Num mundo que frequentemente simplifica o que é complexo, esta visão oferece uma leitura mais rica e integrada da realidade. Recorda que a suavidade pode conter força, que o visível se apoia no invisível e que o equilíbrio nasce da relação entre diferentes dimensões do ser. Oxum, enquanto expressão luminosa e, simultaneamente, profunda desse princípio, permanece como símbolo de um feminino que cria, sustenta e harmoniza — em ligação íntima com as grandes forças ancestrais que dão origem e sentido à existência.





ENCONTRE AQUILO QUE PRECISA!

CASA DE OGUN - Hipermercado Nº1 em comércio de produtos de Candomblé, Umbanda, Esotericos e Espiritualidade, abriu no Laranjeiro-Almada, para Portugal e toda a Europa!!! Na **CASA DE OGUN**, encontra todos os artigos de fundamento e de Axé, que precisa! Para além de outras e muitas coisas, temos: roupas de santo e para Orixá por medida, Ferramentas de Orixá, búzios, sementes, favas, waji, ori, ékoddidès, penas africanas, fios de contas para os seus Orixás, kélés, pembas, bradjás, missangas, firmas, ótás, ibás para assentamento, banhos de ervas vários, etc...

ACONSELHAMENTOS e **SIMPATIA** de pessoas experientes!

PREÇOS IMBATÍVEIS! (PREÇOS ESPECIAIS PARA TERREIROS)!

CASA DE OGUN - O ponto de encontro dos Pais e Mães de Santo, Profissionais Esotéricos e Público em geral!

CASA DE OGUN - Está registada na FENACAB (MAT:001) CASA RECOMENDADA

Horário: Segunda a Sábado das 10:00h às 19:00h (Abertos à hora de Almoço) e aos Sábados, estamos abertos até às 17:00!

casa de 
OGUN

COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
CANDOMBLÉ, UMBANDA, ESPIRITUALIDADE E ESOTÉRICOS

Alameda Guerra Junqueiro, 34 - Laranjeiro
2810-072 Almada (Perto do Millenium, BANIF e estação de metro S. Gedeão)

Tel: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55

E-mail: casadeogun@gmail.com

casadeogun_lojaonline@hotmail.com

<http://www.casadeogunlojaonline.com>